

Sylvie
Baussier



eu,
POLIFEMO, o CICLOPE



Planeta minotauro



TRECHO ANTICIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Monstrinhos
da mitologia

EU,
POLIFEMO, o CICLOPE

 Planeta minotauro

Sylvie Baussier

Tradução

Carolina Grego Donadio

 Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Scrineo, 2020
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Copyright de tradução © Carolina Grego Donadio
Todos os direitos reservados.
Título original: *Moi, Polyphème, cyclope*

Preparação: Mariana Silvestre de Souza
Revisão: Thayslane Ferreira e Caroline Silva
Diagramação: Lilian Mitsunaga
Capa: Tristan Gion
Imagens de capa: Tristan Gion
Adaptação de capa: Renata Spolidoro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Baussier, Sylvie
Eu, Polifemo, Ciclope / Sylvie Baussier ; tradução de Carolina Grego
Donadio. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

96 p. : il.

ISBN: 978-85-422-2648-5

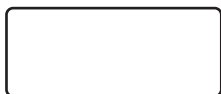
Título original: *Moi, Polyphème, cyclope*

1. Literatura infantojuvenil francesa I. Título II. Donadio, Carolina
Grego

24-0628

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil francesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Capítulo 1



Planeta minotauro

“**P**erdi de novo!” Estou pensando nisso mais uma vez. O sol está a pino no céu, e, debaixo dos seus raios brilhantes – pingando de suor –, tento pegar uma ovelhinha que se afastou do meu bando. Eu pensei que ela já estava bem perto da minha mão gigantesca... mas ela estava bem longe no planalto! Será que uma simples ovelha ousaria me desafiar? Logo eu, que sou filho de Poseidon! Com rai-va, dou murros na terra com meus grandes

punhos, e ela se treme todinha, como se me respondesse.

Vivo numa ilha. Ela é muito grande, assim como meus passos... Mais cedo ou mais tarde vou recuperar esse bichinho.

Um pouco mais calmo, me deito na grama, com o olhar perdido no azul do céu brilhante, respiro a grama dos meus campos. Neste momento, minha ovelhinha assustada se aproxima de mim e coloca seu focinho úmido no meu pescoço. Enquanto me levanto devagar, ela continua ao meu lado, me seguindo até a gruta onde vivo. O que se passou na sua cabecinha? Agora, ela percebe que não quero fazer mal a ela. Ela veio reencontrar seu pastor bonzinho. Sim, deve ser isso.

Vocês sabiam que eu sou um ciclope? Tenho dois rascunhos de olhos que parecem os de um ser humano, mas as pálpebras são sempre fechadas. Eles não me ajudam a enxergar de verdade. Mas tenho um único olho, grande e que se abre no meio da minha testa. Ele é capaz de ver de longe as coisas escondidas, até os seres mágicos.

Os outros da minha espécie também são assim. Por que eu, filho de Poseidon, não tenho dois olhos como o meu pai e esses serezinhos que às vezes passam de barco por aqui? Não tenho a menor ideia. Não estou dizendo isso por inveja, pois não tenho a mínima vontade de me parecer com esses humaninhos que pensam que eu e meus irmãos somos grosseiros. Isso não quero mesmo!

O meu olho é grande, de um verde-escuro como o verde do mar bravo. Eu o acho bonito. E ele me permite enxergar perfeitamente. Mas não consegue calcular a distância entre mim e as coisas. Que mistério é esse? Será que meus irmãos ciclopes sabem a resposta? Acho que eu até já perguntei para eles, mesmo com medo de que rissem de mim. No meu dia a dia tudo é tão igual que, às vezes, eu acabo me esquecendo das coisas.

Por enquanto, foco nas minhas tarefas do fim do dia, como, por exemplo, levar minhas ovelhinhas e cabras para o grande pasto que existe em volta da minha casa selvagem.

O lugar onde fica a minha casa é protegido pelas pedras que eu carreguei até lá. Há também alguns pinheiros e carvalhos que cresceram em volta da minha gruta.

Em seguida, caminho em direção aos loureiros que escondem a entrada da minha gruta – meu refúgio. Entro e, no buraco da montanha, coloco as ovelhas e seus filhotes, tiro o leite delas e cuido dos animais que estão doentes.

Nossa, mas que paz é a minha vida, durante tantas luas e muitos anos! Amo as manhãs e as noites cheias de sons e cantos de pássaros, o cheiro do feno e dos queijos feitos no dia anterior. Adoro me levantar bem cedinho, longe de qualquer um que fale uma língua humana, tirar leite das ovelhas e das cabras, retirar a pedra que bloqueia a entrada da minha gruta e olhar o céu azul que se expande por toda a minha ilha. A ilha dos ciclopes, perdida no meio das ondas.



Depois que minhas tarefas acabam, sigo pelo caminho que sobe entre as trepadeiras e os arbustos retorcidos pelo vento. Como costumo fazer em toda noite de lua cheia, vou encontrar meus irmãos num planalto que existe no meio da ilha. Posso ver o brilho do fogo que eles acenderam. Já é noite faz tempo.

Quanto silêncio! Ninguém está em nossa grande rocha. Só ouço os uivos de alguns lobos, o canto dos pássaros do mar, os murmúrios das ondas e do vento... enfim, a música selvagem da nossa liberdade.

Dou “oi” para eles; nos sentamos, comemos um pouco de carne. Em seguida, depois de uma longa inspiração, eu digo:

— Mais uma vez uma das minhas ovelhas escapou essa tarde.

— Comigo foi ontem! — exclamou meu irmão mais velho, um resmungão cujo rosto está escondido na escuridão.

— Comigo é dia sim, dia não! — comenta o segundo irmão. — Elas voltam quando querem.

— Um lobo comeu uma ovelha minha, há dois dias — acrescenta o terceiro, com a boca reluzindo com o brilho das chamas.

Continuo, preocupado:

— Os humanos são tão atrapalhados quanto a gente?

— Acho que não — suspira meu irmão que teve o animal comido. — Quando um dos barcos deles se aproxima da nossa ilha, vejo eles manobrando a embarcação, e não hesitam como a gente. Os gestos deles são mais precisos e certos.

— Você já perguntou isso, Polifemo! — irrita-se um dos meus irmãos. — Não é só o olho que tá com defeito, mas também a sua memória...

— E talvez algo mais?

Pronto, começou de novo. Eles ficam tirando sarro de mim, como se isso fosse um passatempo qualquer, eles me acham fraco. Só porque quero saber sobre as coisas e sou gentil quando não me provocam. E se eu desse um murro neles com meus grandes punhos? Talvez eles só estejam esperando a gota d'água da minha parte para se

lançarem uns contra os outros ou para me derubarem. “Nada melhor do que uma boa briga” é uma expressão que eles dizem bastante, desde quando éramos crianças que corriam entre os bosques e campos da nossa ilha. Quer dizer, eles corriam. Já eu, preferia ficar deitado na grama olhando as nuvens... E eles me fazem pagar por isso, às vezes, com brincadeiras, outras com xingamentos. Mas agora deixo isso para lá. Não quero mais ser o saco de pancada de ninguém.

Eu me levanto em silêncio, dando um “tchau” baixinho, que eles respondem sem nem perceber. Volto para minha gruta, que cheira a queijo fresco, deixando todos à luz da figueira e com suas risadas desagradáveis.



Penso de novo no que me disseram. Nenhum dos meus irmãos sabe a origem da nossa condição. Para quem mais eu poderia perguntar? Nenhum ser humano mora na minha ilha, como eu

já disse. Mas isso também não me incomoda. Os poucos marinheiros que param por aqui para beber água zombam da gente. Não só de mim, mas também dos meus irmãos ciclopes. Eles apontam os dedos para nós, cochicham entre eles e depois caem na risada.

Mas de longe, pois eles sabem que um único golpe nosso pode esmagá-los como se fossem formigas. Eles sabem que, se eu ficar nervoso, posso comer todos eles sem nem mastigar.

Talvez saibam quantos somos. Um ciclope é perigoso, mas três, quatro... As pessoas que estão em um barco não teriam forças para resistir, caso resolvêssemos esmagá-lo. Então, eles ficam longe... riem que nem uns covardes, antes de saírem correndo para o navio e voltarem para o mar.

Poseidon, meu pai, ó deus dos mares, você que comanda as águas calmas e agitadas, por que não me defende deles?

Por quê?

Você quer que eu me vire sozinho? Eu sei que não sou mais criança e que minha força é enorme.